DEPÓSITO LEGAL

DIÁRIO DA MANHÃ

LISBOA — ANO XXXV — 12.162 — PREÇO 1$00 — 5.ª-FEIRA 27 MAIO 1965

Director: BARRADAS DE OLIVEIRA — Editor: António da Fonseca — Proprietária: Companhia Nacional Editora — Redacção, Administração e Oficinas: Rua da Misericórdia, 95 — Telef. 30737 — End. Teleg.: DAMANH

QUANDO FALAM EM LIBERDADE

O Sr. Zenão Kliszko é o primeiro adjunto do presidente Wladislaw Gomulka no secretariado do partido comunista polaco. É, portanto, pessoa com autoridade para falar em nome da seita. Pelo menos por enquanto, dado que nas questões do partido comunista nunca se sabe onde está a razão deste. Um dia exaltam-nos as excelências do *genial guia e condutor dos povos* e da sua política implacável, caracterizada pelos *processos purgativos*, que levaram ao patíbulo, um após outro, os velhos revolucionários de 1917. Outro dia, surge-nos o Sr. Nikita Kruchtchev, desabusado e risonho, a chamar nomes horrorosos a Estaline e ao seu personalismo e a expulsar-lhe o cadáver das honras da Praça Vermelha para as discrições de uma inumação escondida. Não tardou, porém, a surgir nova cabeça, a entender que o Sr. Kruchtchev não representava a inteligência, nem a vontade, nem os interesses do partido — e a mandar, por isso, o mesmo Sr. Kruchtchev para casa.

Bem se esforçam eles, os da estrutura mecânica do partido internacional, em dar-lhe o máximo de unidade através de uma disciplina de ferro. Como esta é desumana e procura forçar as próprias realidades do homem e das sociedades naturais em que os homens se juntam, não é possível mantê-la — e eis que, volta não volta, a desintegração se revela até nos planos mais altos.

Mas voltemos ao Sr. Kliszko e apreciemos a sua concepção do *facto artístico:*

A literatura e a arte, com todos os meios de que dispõem, deveriam contribuir para a formação de uma sociedade construtora do socialismo.

Como se vê, na opinião do prócere, a literatura e a arte não se entendem como actividades livres. Pelo contrário: devem contribuir para uma determinada espécie de sociedade. Ou seja: mais do que limitadas por fronteiras de ordem moral ou política, devem *servir* certa política. Claro que isto não é muito democrático, pelo menos no critério de democracia defendido pelos progressistas, quando atacam os sistemas a que eles chamam reaccionários e fascistas, enquanto em casa deles não sabem praticar outro.

O Sr. Kliszko falava daquela forma em Olsztin (outrora Allenstein), numa reunião de escritores, a quem lembrava os princípios fundamentais da política cultural do partido comunista polaco. E, então, depois de lhes expor a boa vontade do partido para os escritores e artistas, credores de um clima em que as possibilidades de trabalho se sobreponham às regras rígidas, lá foi lembrando:

Mas há limites que nem mesmo um escritor deverá transpor, se não quer encontrar-se em conflito com os princípios fundamentais da política do partido e os interesses do Estado.

Quando uma política serve um fim moral superior é-lhe lícito, evidentemente, limitar os efeitos prejudiciais de alguma obra de arte de intenções ou consequências dissolventes. E também se compreende que os Estados se defendam de quem pretende matá-los. O suicídio ou é medo ou é loucura.

Por outras palavras: os chefes comunistas revelam onde não são democratas — e apontam o caminho às sociedades vivas e saudáveis. Embora depois, no ataque aos países ocidentais, ocultem as verdadeiras intenções, para não amortecer as ressonâncias de uma bela palavra: a famosa *Liberdade*. Simplesmente, não dizem o que está por trás da famosa...

O PRESIDENTE AMÉRICO THOMAZ COM OS DIRIGENTES DA LIGA DOS ANTIGOS GRADUADOS DA MOCIDADE PORTUGUESA

A MEDALHA DA L. A. G.

FOI OFERECIDA AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

O Presidente da República recebeu ontem, no Palácio Nacional de Belém, os corpos gerentes da Liga dos Antigos Graduados da Mocidade Portuguesa, que foram apresentar-lhe cumprimentos e oferecer-lhe um exemplar da medalha comemorativa dos 20 anos de existência da mesma instituição.

Estiveram presentes os Srs. Drs. Luís Avilez, presidente da direcção; Baltasar Rebelo de Sousa e Manuel Sobral, presidentes das Comissões Ultramarina e Política da Liga; Drs. José Galante e Antunes Garcia, da assembleia geral; Prof. Dr. Bruto da Costa e Drs. Silva Garcia, Alfredo Bento, Eugénio Rosa, Carlos Gonçalves, Arnaut Pombeiro, Esteves da Fonseca e Paula Pires; Eng.os João Paulo Castelo Branco, Ferrujento Gonçalves e Carlos Lima; João Durão, Alberto Reis e Jaime Leónio Abreu.

Em nome da Liga, o Sr. Dr. Luís Avilez saudou o Chefe do Estado e fez-lhe a oferta da referida medalha, da qual foi também oferecido um exemplar,

(CONTINUA NA 3.ª PAG.)

O CASO DA S. P. E.

A REACÇÃO DE ANGOLA

NUMA PALESTRA RADIOFONICA DO ESCRITOR FERREIRA DA COSTA

Já por várias vezes se intentou, como é sabido, ocupar posições-chaves em organizações, ditas literárias, em jornais, em emissoras, em editoriais, e até em organizações importantes de livros e publicações. Em todos esses sectores, e até noutros, rotulados, pomposamente, de puramente publicitários, o inimigo, ou quem com ele está disposto a entender-se, por ambição de poder, ou de aumento de fortuna, tem diligenciado ocupar posições que lhe consintam, sob disfarces vários, num esmero zeloso trair quem nesta terra portuguesa de Angola que luta e trabalha pelo povo português, multirracial em todas as manifestações do seu viver. E não se trate, sublinhemos, de oposição, ou situação, questiúncula, que, entre nós, deixou de ter significado imediato, porque a todos nós une a ideia da defesa comum e da integridade portuguesa. Um intelectual angolano, aqui nado e educado, dizia-nos esta tarde: «A trincheira não pode continuar abandonada ou guarnecida, por gente incerta, hesitante ou suspeita. Lancemos o nosso apelo, porque esta hora assim o exige, ao Presidente do Conselho, que tem os olhos postos em nós. Alarguemos o nosso apelo aos Ministros do Ultramar, da Educação, do Interior e dos Negócios Estrangeiros, já que se trata de uma arrancada com projecção internacional. Roguemos-lhes que nos ajudem a dar um passo em frente contra os que estejam a trair, a lesar por estupidez, ou, simplesmente por culposa apatia. Se a luta é de âmbito nacional, não há lugar para apáticos, nem sonolentos, nem comodistas mais ou menos cobardes, mesmo ainda para traidores encobertos sob designações ambíguas, não pode continuar a haver a menor parcela de terreno em que se movam. Com efeito, sabemos que traduzido este apelo, que é sentido e sério, e que representa energias dispostas a entrar em acção e que não podem ser abandonadas, algo se vai empreender. Será novamente de Angola que partirá esse vibrante toque de clarim, a chamada às fileiras de quem ande extraviado, disperso, ou não tenha ainda entendido que nós não consentimos na reincidência em confianças excessivas nem na repetição de desleixos, na ocupação da trincheira da cultura nacional. A hora exige acção a peito descoberto, em todos os campos. Não há que perder tempo. Perdê-lo já seria não servir. E não servir, neste momento, seria uma forma de traição. Que se manifeste, quem tem o dever de manifestar-se. Nem o silêncio é atitude aceitável, neste momento.

Luanda reage

O revoltante caso que levou à extinção da Sociedade de Escritores, dita portuguesa, está a suscitar em Luanda, depois dos enérgicos protestos já assinalados, um sério movimento de reacção contra certo abandono a que se tem chegado na defesa das trincheiras da cultura, sobretudo naquelas que mais direc-

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

UM EDITORIAL DO DIÁRIO DA MANHÃ

REFERIDO COM RELEVO PELO «NEW YORK TIMES»

NOVA IORQUE, 26 de Maio

O editorial de ontem do quotidiano de Lisboa DIÁRIO DA MANHÃ teve acentuada repercussão nos Estados Unidos.

«The New York Times», por exemplo, transcreve parte desse editorial, dizendo que o DIÁRIO DA MANHÃ «anunciou que o Governo está disposto a agir severamente contra a Sociedade de Escritores».

A correspondente do «Times» na capital portuguesa transcreve ainda as afirmações de que «Portugal está em guerra» — e de que se pede «firmeza implacável intransigência total e determinação irrevogável» no caso de Luandino Vieira.

A firme e pronta reacção do povo e do Governo à decisão da extinta Sociedade Portuguesa de Escritores tem sido seguida com interesse nos círculos de influência norte-americanos e internacionais em Washington e nesta cidade.

Particular atenção parecem ter merecido as reacções das províncias ultramarinas portuguesas especialmente de Angola e a sua resoluta condenação do júri». — ANI.

Telegramas de protesto

De todos os pontos do País continuam a ser enviados à Presidência do Conselho e aos Ministérios do Interior, Ultramar e Educação Nacional elevado número de telegramas de apoio ao Governo pela firme decisão tomada acerca da concessão do Prémio de Novelística — 1964, pela extinta Sociedade Portuguesa de Escritores.

Dos telegramas ontem recebidos naqueles departamentos do Estado, destacamos entre muitos outros os seguintes:

«Manifesto V. Ex.ª veemente protesta atitude antipatriótica Sociedade Portuguesa Escritores concessão prémio literário terrorista angolano. a) Coronel Vitória (Guarda)».

«Protesto indignadamente contra acção antipatriótica da Sociedade Portuguesa Escritores ter galardoado o traidor à Pátria angolano Luandino Vieira. a) Sargento Manuel António Nascimento».

«Profundamente indignado procedimento ignóbil Sociedade Escritores ofensivo nossa querida Pátria combatentes Ultramar elemento primeira linha solicita V. Ex.ª sanções drásticas crime cometido. a) Capitão Ramos Boavida».

«Apresento V. Ex.ª veemente protesto contra malévola atitude Sociedade Escritores solicitando adequado castigo para tão insólita traição. a) Major Sá Cardoso».

«Como português modesto escritor e pai dois militares combatentes Angola lavro meu protesto contra atitude inqualificável Sociedade Escritores atribuição prémio literário um terrorista. a) Antero Nobre».

«Inqualificável atitude Sociedade Portuguesa Escritores atribuindo prémio literário a um miserável traidor merece severo castigo em desagravo daqueles que foram massacrados pelos terroristas e ainda dos que perderam a vida ou se batem integridade da Pátria no Ultramar é indispensável severo castigo que obste de futuro atitudes semelhantes premiar um traidor é também traição. a) José Pinto Oliveira Presidente Câmara Guimarães».

«Coração pai 2 filhos Ultramar estala dor pelo sacrilégio contra Pátria praticado pela Sociedade Escritores. Até quando abusarão da nossa paciência os traidores de Portugal? a) Teófilo da Cruz».

«Como antigos combatentes Ultramar repelimos afronta feita Nação Sociedade Escritores camaradas caídos e seus familiares exigem desafronta, aa) Diogo Sebastião, Manuel Gregório Vivaldo, João André Valentim, António Inácio Duarte Marreiros, António Duarte, João Cata-

(CONTINUA NA 3.ª PAG.)

Nota Internacional

RUSSOS E CHINESES

NA Bélgica, em Tubize, um militante comunista foi agredido por outro militante comunista e veio a morrer passadas vinte e quatro horas ou pouco mais, em consequência do traumatismo craniano que sofreu por lhe ter sido vibrado um golpe com instrumento contundente não identificado.

O incidente ocorreu por causa da discussão que entre os dois comunistas se travou a propósito da afixação de cartazes eleitorais, à qual um e outro se dedicavam com o mais activo zelo.

É preciso explicar o importante. É que, apesar de a vítima e o agressor pertencerem ambos ao partido, não eram correligionários na verdadeira acepção da palavra. Pelo contrário: representavam tendências marxistas diferentes e um deles era pró-soviético e o outro pró-chinês. Foi o adepto da China que liquidou o súbdito da Rússia.

Não se trata de um caso de simples polícia, ao qual não deva atribuir-se importância de maior.

Dificilmente poderá parecer tolerável que os comunistas transportem para os países civilizados os costumes da selva e que procedam aos seus ajustes de contas exactamente como os bandos de «gangsters».

Numa nação como a Bélgica não podem tolerar-se hábitos que estariam certos no mato ou mesmo numa cidade em que livremente se digladiassem quadrilhas de sinal diferente.

Não se diga que coisas destas se passam em família e que o uso indiscriminado da matraca deve ser considerado legítimo quando de trata de assuntos íntimos como no caso sujeito.

É certo que nem os comunistas de obediência moscovita nem os de obediência chinesa se podem em rigor considerar como fazendo parte de uma comunidade nacional, a que pertencam pelo acaso de nascimento. Fora da China, da Rússia e das outras repúblicas populares, os comunistas rejeitam a pátria e sustentam contra ela uma batalha violenta.

Embora por este motivo qualificando uns e outros como apátridas, é impossível admitir que se comportem numa terra civilizada com tão extraordinário desprezo pela ordem pública. A gente pacífica de uma nação não pode ser obrigada a suportar uma vizinhança perigosa e a assistir aos pequenos dramas resultantes do excesso de convicção daqueles que, seja qual for o campo em que se situam, verdadeira ou aparentemente, se encontram ao serviço do estrangeiro.

VEM AÍ A DEMOCRACIA CRISTÃ?

O meu compadre Serafim anda preocupadíssimo com a questão da democracia. Mais concretamente: com a Democracia Cristã. Vem?... Não vem?...

Depois que democracia será essa: à inglesa?... à italiana?... à francesa?... à alemã?... à americana?... à antiga portuguesa?...

Ouve dizer que é a das Encíclicas...

Eu respondo sempre ao meu compadre que não sei, porque não acredito na democracia — e muito menos nos brejeiros que andam a fabricá-la para aí.

Ele andou a viajar tempos e tempos, lá por fora, a consultar as democracias europeias (e já tinha consultado a brasileira...) alguém tido e havido como «fundador» da tal democracia, de mão com outros, entre eles alguns arquitectos (que é para a coisa ficar bem orquestrada).

É uma vocação, como outra qualquer, sobretudo quando se falhou noutra...

E há outros indícios: papelada, a preparar os bons democratas portugueses para as eleições; papelada com o carimbo da dita democracia (ao menos já há carimbo!...).

Depois, há a PRAGMA: uma «cooperativa» (sic!) para a acção, com sede na Rua Nova do Almada. E lá andam os da PRAGMA mais que activos formidàvelmente activos... Que a gente saiba, os «activistas» democratas cristãos já promovem colóquios e conferências, desde ecumenismo, até às de sabor político.

As de ordem doutrinária religiosa, não são matéria da nossa alçada, embora tenhamos direito para respeitosamente perguntar como é possível ter acontecido o que aconteceu há semanas: que um bravíssimo freire dominicano viesse dizer barbaridades como as que disse aí numa sede de bombeiros, descontraidamente por amor à ideia ecuménica — como bom sócio da tal cooperativa. E também conferências políticas. Há dias foi lá um senhor brasileiro... Os pragmistas não devem ter gostado, ao menos em parte, porque lhes disse nas barbas que não, que não podiam de forma alguma dar as mãos aos comunistas...

A coisa foi dita e teimada do lado da plateia... Mas não era preciso ser dita: que outra missão tem uma certa revista, com a colaboração que estampa todos os meses no frontespício, que outra missão é a dela se não a da fraternidade democrata-cooperativa, por outras palavras: a comunidade cristo-comunista? Vão ler o que lá tem saído...

Mas o meu compadre, diz-me que andam padres por lá...

— Pois andam, compadre; e aqui também o não compreendemos nós. Mas não podemos compreender tudo — só o Pai do Céu o poderá entender e remediar. Se não remediar, cá teremos os pragmistas a derramar-se democràticamente em benefício da Santa Igreja e do mais que anda no ventre daquele «Cavalo de Tróia»...

Só pensamos com os nossos botões, como é que ingénuos seminaristas e padres pragmistas vão amanhã presidir às nossas paróquias e tratar das nossas almas...

— E anda lá gente nova!

— Anda, compadre. Bem, não serão tantos como eles dizem. Mas, sabe, eles são activos, são revolucionários; aprenderam o vocabulário de antes de 1910 passado a fio pelas revistas francesas e a ajuda de alguns mestres de fora (que ele, mestres, cá dentro, não há...).

São iluminados à Mounier (pobre Mounier onde vieste cair!...).

Depois, compadre, batem no peito. E a gente nova toma o fumo por Juno...

Andam, quase sempre os mesmos, metidos como piolhos por certas organizações ou organismos católicos: o «Movimento de Arte Religiosa», «Corais» (até se fazem peditórios aqui, para ajudar os pobrezinhos que cobardemente fugiram para Paris para não combaterem em África!...)...

Nisto têm eles olho; é que enquanto do lado de cá não se oferece nada de audaz e não se modifica nada, eles, os activistas seduzem com uns certos arzinhos místicas, têm cursos sobre... e sobre... etc.

Deixaram-lhes tomar as rédeas — e eles agora acreditam na força irresistível dos «ventos da História», e desde a bandeira do Papa João XXIII (já repararam na insistência?) até aos colóquios promovidos pela Rua Nova do Almada, com a anuência de um público impreparado doutrinàriamente para tudo isto, desafiam a nossa paciência...

Y

OS PRESIDENTES DA REPÚBLICA E DO CONSELHO

RECEBEM HOJE O MINISTRO DA DEFESA DA FRANÇA

É esperado hoje de manhã em Lisboa, num avião militar que deve aterrar no aeroporto às 10 horas, o Ministro da Defesa da França, Sr. Pierre Messmer, que vem ao nosso país em visita oficial, a convite do seu colega

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

A DELEGAÇÃO PORTUGUESA

ÀS COMEMORAÇÕES DO IV CENTENÁRIO DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, 26 de Maio

O Ministro português dos Negócios Estrangeiros, Dr. Franco Nogueira, virá ao Rio de Janeiro — anuncia o vespertino «O Globo» — como chefe da delegação especial que Portugal envia às comemorações do IV Centenário da Fundação do Rio de Janeiro, devendo assistir à inauguração do monumento a D. João VI, cuja estátua já vem a caminho do Brasil, no «Paraguay Star», navio esperado no Rio no dia 30.

As obras do ajardinamento e o pedestal do monumento na Praça 15 de Novembro, perto do local em que o príncipe regente desembarcou com a sua corte, estão muito adiantadas.

No descerramento da estátua haverá três oradores — afirma «O Globo»: Dr. Franco Nogueira, o governador do Estado da Guanabara Carlos Lacerda e um representante da Comunidade Portuguesa do Brasil. — ANI

DEAN RUSK ACONSELHOU

A FRANÇA A NÃO SE INTROMETER NO CONFLITO DOMINICANO

E ANUNCIOU HAVER UMA APROXIMAÇÃO ENTRE A RÚSSIA E HANÓI

WASHINGTON, 26 de Maio

O Secretário de Estado, Dean Rusk, ao comentar hoje a declaração do Ministro francês da Informação, Alain Peyrefitte, aconselhou a França a não interferir na questão da República Dominicana.

«Em Paris deviam dar maior atenção ao facto de estarem os países deste hemisfério a tratar do problema» — declarou Rusk, na sua conferência de Imprensa. «Isto não é um assunto em que o Governo francês tenha uma responsabilidade muito activa» — observou Rusk, sem tentar esconder um certo azedume.

Duas ou mais bases de mísseis soviéticos contra aviões devem estar, actualmente, em construção no Vietenão do Norte — anunciou em seguida o Secretário de Estado, classificando o facto como «uma grande aproximação entre a Rússia e Hanói».

Maxwell Taylor esperado em Washington para rever a situação no Vietenão

Rusk revelou que o General Maxwell Taylor, Embaixador dos Estados Unidos no Vietenão do Sul, vem esta semana a Washington, para ser passada em revista a situação, embora não se verifique ali qualquer modificação fundamental.

Declarou que não atribuía grande importância à recente entrevista entre o industrial Cyrus Eaton e o Chefe do Governo soviético, Alexis Kossyguine.

Eaton contou que Kossyguine lhe dissera que a Rússia e a China juntar-se-iam e que a União Soviética talvez entrasse na guerra do Vietenão a menos que os Estados Unidos modificassem a sua política.

«Contudo — prosseguiu Rusk —, considero muito importante que, do lado de lá não haja uma noção errada de que os Estados Unidos podem ser obrigados a retirar-se do Vietenão pelas ameaças de uma guerra maior, ou de que pode iniciar-se uma guerra maior, com impunidade».

Reafirmou que pode haver paz no Vietenão, logo que os comunistas se disponham a deixar os seus vizinhos em paz.

Referindo-se, novamente, à crise dominicana, o Secretário de Estado

(CONTINUA NA 3.ª PAG.)